CATEGORIAS DO SIMBÓLICO NOS AMBIENTES DE COMUNICAÇÃO: DOIS ESTUDOS SOBRE RELIGIÃO

CATEGORIES OF SYMBOLIC IN COMMUNICATION ENVIRONMENTS: TWO STUDIES ABOUT RELIGION

João Damasio da Silva Neto[1]

Resumo: Com uma preocupação epistemológica, este texto se refere ao modo de elaboração de categorias de análise nas ciências da comunicação, tomando por exemplo dois estudos do autor sobre mídia e religião no escopo das teorias de sistemas sociais de Luhmann e Habermas. Propõe-se a identificação de sistemas e de seus ambientes de comunicação, definidos a partir do tipo de símbolos em comum. Ou seja, os símbolos delimitam os ambientes de comunicação possível entre os sistemas. Assim, a mídia é um sistema em relação a outros. E a midiatização constitui-se como processo simbólico da mídia, que denota sua alta capacidade de comunicação envolvendo os próprios ambientes entre sistemas simbólicos.

Palavras-chave: Metodologia. Ambientes de comunicação. Sistemas simbólicos.

1. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Jornalista graduado pela Faculdade Araguaia (FARA) e Técnico em Sistemas de Informação (CEFET-Urutaí).
E-mail: joaodamasio16@gmail.com.

Abstract: With an epistemological concern, this text shows us references about the analysis of categories elaboration's way in communication sciences, taking for example two of the author's studies on media and religion in the social systems theories scope of Luhmann and Habermas. The proposal is identify systems and their communication environments, defined from the type of symbols in common. In other words, the symbols delimit the communication environments between the systems. Thus, the media is one system in relation to the others. And the mediatizacion is a symbolic process of the media, which denotes their high capacity of communication, involving the own environments between symbolic systems.

Keywords: Metodology. Communication environments. Symbolic systems.

1 Introdução

Este trabalho trata de uma questão de método a respeito da elaboração de categorias de análise, baseado em ambientes de comunicação entre sistemas simbólicos, aplicado empiricamente no campo de interface entre comunicação, mídia e religião. A proposição metodológica que se elabora problematiza a própria noção de sistemas simbólicos diante de processos midiáticos.

Contextualizaremos brevemente a discussão recente sobre o método de pesquisa em comunicação e as necessidades que justificam esta reflexão. Depois, especificaremos a noção de comunicação sobre a qual discutiremos os conceitos de ambiente, sistema e símbolo. Proporemos um modo de elaboração de categorias de análise tomando duas pesquisas empíricas por exemplos em que o símbolo organiza os ambientes e os sistemas. A questão, no escopo da teoria de sistemas sociais, é: De que modo é possível analisar os ambientes de comunicação sem torna-los sistemas?

Ao final, pretende-se um incurso sobre o processo de midiatização a partir das categorias de análise próprias dos ambientes de comunicação entre sistemas simbólicos.

Partindo da ciência da comunicação, mais ampla que o estudo das mídias, pensamos que os processos midiáticos constituem sempre um sistema em relação a outro(s). Acreditamos que as categorias do simbólico (no ambiente de comunicação entre os sistemas relacionados) oferecem possibilidades de análise desta relação.

Este texto se limita à exposição ensaística a partir de duas pesquisas do autor na interface entre comunicação, mídia e religião e, no máximo, propicia reflexões que apontam para um "lugar de fala". Como perspectiva Quiroga (2013, p. 29) em sua tese, em alguns casos é importante "não perder de vista a possibilidade de realizar determinada incursão que, de alguma maneira, viabilizasse a construção de um *lugar* de fala", buscado de alguma forma por todo pesquisador desde o começo dos estudos em programas de pós-graduação. Contudo, pode ser que este debate, expondo o modo de construção de categorias de análise que acreditamos serem muito próprias à ciência da comunicação, contribua minimamente para o método comunicacional e, instrumentalmente, para a pesquisa em comunicação e midiatização.

2 Método de pesquisa no campo da comunicação

O método de pesquisa em comunicação, sob os olhares que buscam a especificidade de seu conceito, é o primeiro ponto a ser tratado. Muitos autores brasileiros têm trabalhado esta perspectiva, tais como José Luiz Braga (2004), Ciro Marcondes Filho (2012), Luiz Signates (2009) e Muniz Sodré (2014).

Nem sempre uma unidade sobre a especificidade da comunicação aparece por meio dos conceitos e das referências - sociológicas, psicológicas ou filosóficas - de fundo. Os autores acima citados, por exemplo, dialogam entre si vez ou outra e geralmente apresentam diversos conceitos originais (ou adaptações conceituais originais a partir de alguma lacuna da teoria da comunicação). Podemos dizer que constroem

estruturas teóricas diferentes, com recortes diversos sobre o conceito de comunicação.

Dentre as principais abordagens ensaiadas nos textos destes autores, é possível destacar que Braga (2004) adota códigos e inferências para descrever o processo comunicacional. Signates (2009) desenvolve uma lacuna da institucionalização sistêmica da comunicação a partir da teoria habermasiana de sociedade que tenciona sistema e mundo da vida. Marcondes Filho (2013) recorre a fontes psicológicas e filosóficas para restringir a comunicação a um fenômeno realmente significativo e transformador da subjetividade. Sodré (2014) se inspira nos *bios* aristotélicos para teorizar o *bios* midiático, como um mais recente âmbito de vida estabelecido pela mídia e que atualmente permite perceber o papel que a comunicação sempre exerceu como organizadora do comum humano.

Códigos, inferências, institucionalização sistêmica, significação, transformação, *bios* midiático... são alguns dos conceitos que constituem núcleos teóricos e fundamentos distintos no mesmo campo científico brasileiro da comunicação. Ainda que indiquem muitas possibilidades, as teorias, neste caso, surgem mais como criatividade intelectual do que como definidoras de uma especificidade em comum acordo entre os autores do campo.

As conformações disciplinares do campo científico da comunicação são pouco relevantes para o que se pretende discutir neste texto, que é uma proposição simples sobre categorias de análise, mas que busca dialogar com uma possível especificidade metodológica da comunicação para lançar um olhar sobre a midiatização.

O método, mais do que as nucleações teóricas, é chave possível para especificar uma ciência. Martin Jay (2008) historiografou a sociologia da primeira fase da Escola de Frankfurt não a partir de suas hipóteses, mas do desenvolvimento da imaginação dialética e da crítica radical como método próprio. Laplantine (1995, p. 16), na antropologia, observa que esta ciência "afirma a especificidade de sua prática, não mais através de um objeto empírico constituído (o selvagem,

o camponês), mas através de uma abordagem epistemológica constituinte".

Assim, é legítimo perceber a busca sobre o que constitui a imaginação comunicacional e é a partir desse pressuposto que ensaiamos um percurso metodológico na construção de categorias de análise. Antes, sinalizaremos o campo conceitual que limita nosso campo de visão e servirá às pesquisas empíricas relatadas ao final, aplicando a proposta metodológica.

3 Comunicação dos sistemas sociais

O conceito de comunicação, comumente difundido a pretexto do termo "meios de comunicação de massa", identificado com o abstrato da mídia, assume também, conforme Signates (2009), a centralidade das teorias de sociedade de Niklas Luhmann e Jürgen Habermas. Apesar das várias nuances, diálogos e perspectivas diferentes (funcionalismo e crítica), em comum, os dois autores utilizam o conceito de sistema social em par teórico com a noção de ambiente. E é na relação entre sistema e ambiente que se encontra a comunicação.

Sem a pretensão sequer de resumir satisfatoriamente tais conceitos, é possível lançar mão do modo como deles se apropria aqui. A sociedade, entendida pela metáfora biológica e cibernética do "sistema", é entendida a partir de seu funcionamento próprio. Os sistemas sociais são, para Luhmann (1997), incomunicáveis, por possuírem lógicas autônomas de funcionamento que precisam se fechar em si mesmas para se manterem. Para um sistema social, os outros sistemas, as pessoas e a realidade que o cerca constituem o entorno ou ambiente do sistema. Para Habermas (2012), o sistema social faz par teórico com o mundo da vida. Nos dois casos, por nossa conta, se pode presumir que o ambiente (entorno ou mundo) do qual os autores tratam é a própria cultura, que traz o dinamismo para a lógica estrutural dos sistemas sociais.

Em Luhmann e Habermas, a comunicação centraliza a teoria social, mas no primeiro autor o que se destaca é a

incomunicação e, no segundo, é a comunicação face-a-face da linguagem pela ação comunicativa em direção ao consenso. Para além deles, Sodré (2014, p. 284) afirma que o aspecto de destaque da comunicação é o simbólico. Assim, a comunicação pode ser entendida como o processo cultural que aparece como central nas teorias sociais. É o aspecto da liminaridade entre os sistemas, que é identificado no próprio símbolo.

Não parece comum dissociar sistema social e sistema simbólico, até mesmo porque se referem praticamente à mesma coisa. Contudo, metodologicamente, pode ser um movimento interessante, presente nos autores agora mencionados. Harbermas (2012) reforça o caráter puramente metodológico do par teórico sistema/mundo da vida, inseparáveis na realidade. Luhmann (1997) faz o mesmo com sistema/entorno. Sodré (2014) aponta para a especificidade simbólica dos fenômenos comunicacionais no âmbito superficial das relações sociais. Desse modo, os símbolos não se dissociam na verdade dos sistemas sociais, mas podemos pensar os sistemas sociais como aqueles autônomos e institucionalizados (a mídia como um deles) e os símbolos como constituintes definidores dos ambientes dos sistemas. Afinal, o ambiente de um sistema, na teoria luhmanniana, sempre corresponde ao sistema. Em suma, o sistema social não interpreta seu ambiente senão por meio dos símbolos que são sua única forma de comunicação ou incomunicação (com outros sistemas ou com seu ambiente).

4 Metodologia proposta: os símbolos definem os ambientes de comunicação

A proposição metodológica deste texto centra-se na identificação dos símbolos com os ambientes dos sistemas. Assim, de que modo é possível analisar os ambientes de comunicação sem torna-los sistemas? A preocupação contida nesta questão-problema é a de, ao identificar, recortar ou nominar o ambiente do sistema, acabarmos por dar aos possíveis ambientes de comunicação a autonomia e a integridade

de um sistema. Os ambientes não são de todo identificáveis, mas pode-se a pretexto metodológico encontrar neles categorias de análise da comunicação entre sistemas simbólicos.

Se o sistema social é feito de comunicação, mas os sistemas são propriamente incomunicáveis, então a matéria prima para análise da comunicação entre eles é o símbolo que os vincula. "As coisas, as diferenças aproximam-se como entidades comunicantes porque se encadeiam no vínculo originário (uma marca de limites, equiparável ao sentido) estabelecido pelo *símbolo*" (Sodré, 2014, p. 15).

O símbolo estabelece a comunicação na incerteza estrutural dos sistemas sociais. Se os sistemas simbólicos são "estruturas estruturantes" (Bourdieu, 2009), é o caráter estruturante do símbolo que nos permite formular categorias de análise dos ambientes nos quais as estruturas (ou sistemas) se impõem. Veremos esta hipótese metodológica pragmaticamente em dois estudos empíricos sobre comunicação, mídia e religião:

4.1 Primeiro caso: Entre a cidade e a identidade religiosa

O primeiro caso, remontando à dissertação de mestrado do autor (Damasio, 2016), parte da realidade simbólica de uma cidade do interior goiano, Palmelo, amplamente conhecida como "cidade espírita", para averiguar até que ponto os sistemas simbólicos da cidade e da religião se comunicam na representação de "cidade espírita".

Palmelo é a única cidade do mundo que surgiu e se emancipou em torno de um centro espírita. Em sua lei de fundação é considerada como "estância de reequilíbrio físico, mental e espiritual" e em sua história convergem os líderes políticos e religiosos. O que torna ainda mais especial este objeto de estudo é que os espíritas constituíram ao longo do tempo um imaginário espírita do urbanismo e a cidade de Palmelo tem seu cotidiano estabelecido por este imaginário, como um pronto-socorro espiritual.

> Às margens da Rodovia Estadual GO-020, entre os quilômetros 20 e 25, o trevo da pequena cidade de Palmelo (GO) oferece acesso não apenas

> às pacatas ruas deste que é o segundo menor município do Estado de Goiás[2], mas também – e principalmente – às vias de comunicação entre a estrutura (física e simbólica) de uma cidade e a religiosidade espírita. Neste trevo, além da escultura de uma pomba branca como símbolo da paz, lê-se a inscrição: "PALMELO – A CIDADE ESPÍRITA DO BRASIL" (Damasio, 2016, p. 16).

Metodologicamente, identificamos que o tipo de símbolo em jogo nessa representação é identitário. A identidade religiosa espírita centraliza as relações de comunicação entre o sistema citadino e o religioso. Em nosso caso, recorremos a Maurice Godelier (2012) quando afirma que há três modos de entender a dinâmica e os limites dos conflitos identitários: a sociedade, a comunidade e a cultura.

Com a teoria de sistemas sociais, esses "modos de entender" tornaram-se três ambientes de comunicação. Descrevendo as relações identitárias nesses três ambientes, através da história e da geografia cultural, foi possível, por exemplo, considerar que o vínculo proporcionado pela identidade espírita em Palmelo é:

1) societária e demograficamente frágil, apesar de presente em instrumentos legislativos - como a Lei Orgânica do Município e os tombamentos de patrimônio cultural - sobretudo porque o perfil do espírita palmelino difere significativamente da identidade espírita brasileira;

2) comunitariamente tensionado, marcado por negociações simbólicas e exegeses entre as instituições religiosas e internamente no próprio movimento espírita, mas com aberturas a outros aspectos específicos ao local, processos que vinculam o espiritismo à cidade e;

3) culturalmente fortes pelo mito fundador e pela ação recursiva dos atores sociais com relação

2. O título de menor município goiano pertence à Anhanguera, na fronteira com o Estado de Minas Gerais (IBGE, 2016).

> à identidade espírita, mas relativamente deficientes em relação às heranças e aos patrimônios culturais.

Os resultados desta pesquisa se deram através das categorias de análise (sociedade, comunidade e cultura) próprias ao tipo de comunicação observada entre dois sistemas simbólicos: a cidade e a religião. Assim, as categorias de análise, definidas pelos símbolos, são seus ambientes de comunicação.

4.2 Segundo caso: Entre as mídias locativas e a instituição religiosa

O segundo caso é um estudo conjunto em andamento sobre uma igreja renovada de matriz presbiteriana que surgiu em Anápolis (GO), a *Church in Connection*. O termo dúbio da "igreja em conexão" revela tanto a conexão com Deus quanto aquela dos dispositivos técnico-informacionais. Trata-se de uma questão performática: de que modo se configura a relação entre a mídia e a religião neste tipo de "igreja em conexão"?

São muitos os detalhes e especificidades a considerar, mas pode-se resumir que se o tipo de símbolo é a performance do fiel em conexão, seus ambientes de comunicação podem ser os elementos de análise da performance. Conforme Camargo (2016), a performance cultural é uma metodologia de análise especialmente comparativa, entre a espacialidade, a temporalidade e, primordialmente, a experiência. Estes três podem servir como ambientes de comunicação.

Esta pesquisa está ainda em andamento, mas a análise do ambiente de comunicação da espacialidade apresenta a conexão localizada do fiel, do pastor e da igreja por meio das mídias locativas, como o Periscope[3], muito utilizado pela

3. "O Periscope é um aplicativo móvel que permite ao usuário transmitir e assistir a streamings de vídeo em tempo real, usando a câmera do celular. O programa ainda permite que os usuários que assistem à transmissão façam comentários em tempo real e deem 'corações' aos vídeos, como o 'curtir' do Facebook. É possível seguir um usuário para ser notificado sempre que ele (a) iniciar uma nova transmissão, mas os vídeos não ficam salvos no serviço – após o

igreja. A presença de todos estes atores é constante e localizada precisamente por meio virtual. O ambiente de comunicação da temporalidade mostra que estar "em conexão" é também estar em processo, em uma lógica de atualização constante. E o ambiente de comunicação da experiência é a mobilidade da igreja, cujo sagrado definitivamente não está apenas no templo, mas acompanha o fiel pelo *smartphone*.

Neste caso de interface entre mídia e religião, percebe-se o fenômeno da midiatização da religião, que consideramos como um forte indício de comunicabilidade entre estes dois sistemas simbólicos, afinal a mídia também é transformada pela igreja, pelo menos em suas formas de uso.

Então, entre os sistemas da mídia locativa e da religiosidade presbiteriana, o tipo de símbolo presente é a performance duplamente propiciada, gerando, em nossa análise, os ambientes de comunicação (ou categorias de análise) do espaço, do tempo e da experiência. Estas categorias permitirão entender até que ponto a mídia locativa integra a religiosidade dos fiéis da *Church in Connection*; como esta igreja proporciona experiências religiosas com aumento significativo de adeptos, já que nasce midiática; e enfim como se dá o processo de comunicação entre sistemas simbólicos.

5 Midiatização: processo simbólico, sistemático ou ambiental?

Finalmente, acreditamos que, por meio de uma tipificação do símbolo interessante à análise, é possível categorizar os ambientes de comunicação na relação entre dois sistemas simbólicos. No primeiro caso, o símbolo identitário permitiu categorizar três ambientes de comunicação entre a cidade e a religião (sociedade, comunidade e cultura). No segundo caso, o símbolo performático permitiu categorizar outros três ambientes de comunicação entre a mídia e a religião

prazo de 24 horas, as transmissões são deletadas dos arquivos do Periscope. Isso faz com que a lista de streamings disponíveis para assistir seja sempre diferente cada vez que se inicia o app" (Solarevisky de Jesus, 2016, p. 158-159).

(espaço, tempo e experiência). Assim é que se torna possível reclamar a centralidade do símbolo para criar categorias de análise nos ambientes de comunicação.

O caminho seguido, tomando a centralidade do símbolo para os termos da análise, nos coloca uma questão futura: o conceito de sistema simbólico, conforme as formulações atuais (consideramos principalmente a noção de estrutura estruturante de Bourdieu, 2009), são adequadas ao método da comunicação? A noção sociológica de sistema social diz muito sobre a incomunicabilidade e a noção antropológica de símbolo diz a respeito do muito que se comunica. Até que ponto temos uma noção de sistema simbólico que expõe os ambientes de comunicação?

Buscamos preceder o estudo da midiatização com a discussão epistemológica da comunicação no que se refere à teoria de sistemas sociais e aos desenvolvimentos possíveis entre símbolos, sistemas e ambientes – constituintes e constituídos pelo processo de midiatização. É relevante nos estendermos sobre esta discussão.

Superando as perspectivas da mídia como espelho da realidade ou como manipuladora das massas, a midiatização como processo é um ganho teórico muito relevante para a ciência da comunicação. A partir deste artigo, questionamos também até que ponto este processo é simbólico, sistemático ou ambiental (referente à ambiência)? Sem esgotar ou ao menos elaborar um esboço suficiente para esta questão, podemos responder a partir da metodologia de categorização dos ambientes de comunicação entre sistemas simbólicos, acima exposta.

Por um lado, o processo de midiatização é simbólico, pois é ele que interfere e transforma outros processos sociais tradicionais. Ou seja, a lógica processual da mídia é incorporada como uma forma de comunicação comum a outros sistemas sociais. Transforma neles a “organização simbólica do comum” (Sodré, 2014).

A midiatização é também ambiental. Ela estabelece uma ambiência, “a forma como o receptor se relaciona com a mídia e o modo como ele justifica e tematiza essa mesma

relação" (Gomes, 2006, p. 21). Esta ambiência é, portanto, o *bios* midiático de Sodré (2014).

Na teoria de sistemas sociais, cada sistema desenvolve uma lógica própria para seu funcionamento, ameaçada constantemente pelo seu entorno, ou seja, suas possibilidades de comunicação (e dissolução...). Pelo menos é assim na teoria luhmanniana. Em Habermas (2012), o que ocorre é uma colonização do mundo da vida pelos sistemas, mas o mundo da vida é sempre maior e escapa às estruturas. A mídia, conforme Signates (2009), adquire status de sistema ao se institucionalizar na modernidade tardia. Assim, consideramos que a mídia constitui um sistema em relação a outros. E seu modo de relação é o que se denomina midiatização.

Certamente, então, a midiatização perpassa o símbolo, o ambiente e o sistema. Diríamos que o *bios* midiático existe porque o sistema midiático autonomizado na modernidade tardia desenvolveu a capacidade de se expandir ambientalmente (não se fechando apenas à sua lógica sistêmica), pelo que é capaz de ser central na organização simbólica das relações sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas.* Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do campo da Comunicação. In: *Contracampo (UFF)*. Rio de Janeiro, **v. 10/11**, n. 2004/2, p. 219-235, 2004.

DAMASIO, J. *A cidade espírita em Palmelo (GO): comunicação entre sistemas simbólicos*. Goiânia: UFG, 2016 (dissertação de mestrado).

GODELIER, M. *Comunidade, sociedade, cultura: Três modos de compreender as identidades em conflito.* Trad. Mariana Portella. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

GOMES, P. G. *A filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade.* São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Trad. Paulo Astor Soethe. Rev. da Trad. Flávio Bento Siebeneicher. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

JAY, M. *A imaginação dialética: a história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais* – 1923-1950. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LUHMANN, N. *A nova teoria dos sistemas.* Trad. Eva Machado Barbosa Samios. Porto Alegre: UFRGS, Goethe – Institut/ICBA, 1997.

MARCONDES FILHO, C. *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

QUIROGA, T. *Pensando a episteme comunicacional*. 2.ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

SIGNATES, L. *A sombra e o avesso da luz: Habermas e a comunicação socia*l. Goiânia: Kelps, 2009.

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional.* Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SOLAREVISKY DE JESUS, R. Periscope e o instante: comunicação e espaço na crise de refugiados na Europa. In: J. A. F. CIRINO; C. F. BRAGA (orgs.). *Mídias e desigualdade*. Goiânia: PPGCOM/UFG, 2016.